

# ANÁLISE DA NARRATIVA DO LIVRO *ENTREVISTA COM O VAMPIRO* DE ANNE RICE, ATRAVÉS DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS DAS CAPAS

Orivaldo de Moraes Mathias - PGET/UFSC<sup>1</sup>

## RESUMO

No presente artigo, faremos reflexões sobre os elementos paratextuais presentes nas ilustrações de algumas capas do livro *Entrevista com o Vampiro* de Anne Rice (1976). O embasamento teórico que norteará o trabalho de análise é a teoria paratextual proposta por Gerard Génette (1997), buscando relações com a narrativa da história do livro e a análise de algumas das suas diversas capas lançadas nas versões brasileira e americana, assim como os outros componentes paratextuais como a ilustração na contracapa, as citações referidas ao livro por jornalistas, pelos meios de comunicação escritas na contracapa e os textos encontrados na orelha do livro, que de alguma forma podem aguçar a curiosidade do leitor nas suas expectativas de leitura do livro. Também comentaremos sobre as referências de outros vampiros da literatura e inspirações cinematográficas que contribuíram para a concepção das capas dos livros de Anne Rice.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paratexto, Vampiro, Literatura.

Por estratégia de marketing nas vendas ou simplesmente uma maneira de atrair a atenção do leitor pela visualização externa, a imagem gráfica na capa de um livro pode chamar a atenção ao sugerir uma leitura. A comunicação visual oferecida por uma capa de livro pode atrair o interesse de um determinado público-alvo e estabelecer um diálogo com os seus gostos e gêneros literários preferidos.

*Entrevista com o Vampiro* é um livro de 1976, escrito por Anne Rice e traduzido no ano seguinte por Clarice Lispector. O romance é o primeiro de uma série de livros sobre vampiros: as crônicas vampirescas, em que Anne Rice atribui uma linguagem mais contemporânea aos antigos contos de vampiros.

A autora aborda temas como o existencialismo, a sexualidade, a descrença religiosa e as relações transgressoras entre dois vampiros homens e adultos com uma criança vampira; relação que por vezes confunde o leitor pelas semelhanças entre as de “pais” e

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina..

filha e outras vezes entre maridos e amante.

## **1. TEORIA PARATEXTUAL DE GENETTE**

Para Genette (1997), os paratextos são referências de análise que podem nos revelar sobre as mediações e do que se trata um texto. Essas informações interagem com o conteúdo literário e cultural do que um livro propõe a abranger. Os paratextos podem sofrer modificações para melhor comportar os parâmetros culturais, de gênero ou de uma época para que o material seja divulgado com uma orientada aceitabilidade.

O paratexto pode ser classificado em duas categorias: O peritexto e o epitexto, como explica Araújo (2010, p.03,04), com relação aos paratextos editoriais de Gérard Genette.

O peritexto refere-se à uma categoria espacial marcada pela continuidade ou unidade da obra. Os elementos peritextuais circundam o texto dentro do próprio espaço da obra, estando em continuidade direta, como o nome do autor, os títulos e subtítulos e toda materialidade daí advinda, como as indicações de coleção, capa, ilustração etc. O epitexto, por sua vez, também está situado no entorno do texto, porém a uma distância marcada por uma descontinuidade em relação à obra. Os elementos epitextuais são divididos em públicos, os que tomam forma nos suportes midiáticos, como as entrevistas do autor, debates, resenhas etc., e os privados, como correspondências e diários que, com o tempo, podem passar a integrar a obra.

As ilustrações das capas de livros são partes dos elementos peritextuais da publicação do material impresso das editoras. Em Genette (1997, p. 27), podemos considerar a capa de um livro como a primeira manifestação da publicação a ser oferecida ao leitor. Assim, a capa tem como objetivo atrair a atenção do leitor, infiltrar em um determinado público ou fazer referências do conteúdo com outras formas de expressão ligadas à arte, televisão, cinema ou literatura. As capas podem adiantar ao leitor, sobre o que se trata o conteúdo da narrativa do livro, ao referenciar partes da história e dos personagens pelas imagens ilustrativas, escritas gráficas, textos externos e até pelo material usado na confecção da publicação.

## **2. AS CAPAS NAS VERSÕES BRASILEIRAS:**

Dentre as capas do livro *Entrevista com o Vampiro* publicadas pela Editora Rocco nas versões traduzidas para o português brasileiro, foram utilizadas as seguintes imagens gráficas para ilustrar a publicação:



Figura 1: Capa Brasileira de 1992<sup>2</sup>

As edições da editora Rocco lançadas antes do ano de 2006, tiveram a imagem de capa da figura 1, originalmente publicada em 1992. Podemos notar que a ilustração é simples e usa o título em grandes caracteres no centro do livro. O desenho chama a atenção para a imagem de um vampiro do lado de fora da janela, que se apresenta estereotipado e denota a imagem que os leitores da época tinham como referência sobre os vampiros, através da literatura e do cinema.

As golas do casaco fazem um instantâneo diálogo com as características de *Drácula* de Bram Stoker; e que mais tarde foi personificado na imagem de Bela Lugosi no cinema por *Drácula* (1931) de Tod Browning. Ainda fazendo relações com identificações cinematográficas, as mãos do vampiro da capa remetem ao Conde Orlok, personagem de *Nosferatu* (1922) de F.W.Murnau, pelos dedos longos e finos.

Em Genette (1997, p 28), uma das funções mais óbvias do paratexto é atrair a atenção do público para as capas da forma mais dramática possível. O uso de ilustrações berrantes, excesso de personalização, capas que remetem aos filmes ou adaptações televisivas e o uso de cores e fontes berrantes são estratégias gráficas usadas pelas publicações na tentativa de atrair a atenção do leitor.

Dessa forma, a imagem da figura 1 também traz referências literárias com o livro *Drácula* de Bram Stoker. No livro, o vampiro Drácula observava à espreita com intenções perniciosas e atrás da janela de Lucy Westera, uma de suas vítimas no romance. Lucy sentia a presença do maligno pelas sensações de que estava sendo observada, ouvia os suspiros e ruídos na vidraça da janela do seu quarto; o lugar onde o vampiro vigiava o seu sono na espera de um melhor momento para atacar.

<sup>2</sup> <http://www.goodreads.com/book/photo/13634836-entrevista-com-o-vampiro>

Todavia desde que o Dr. Van Helsing passou a me dar sua assistência profissional, todos os meus maus sonhos, segundo parece, ter-se-iam desvanecido. Assim também ocorreu com os ruídos noturnos, os quais me deixaram literalmente aterrorizada, o adejar de insidiosas asas que chocavam de encontro às vidraças, as vozes distantes que pareciam soar a meu lado, as ásperas ordens vindas de origens desconhecidas, que me mandavam fazer não sei o quê... tudo cessou. Agora vou para a cama sem o menor temor do sono natural. Nem mesmo procuro me manter-me desperta. (STOKER, 2011, p 197)

Ao estabelecermos relações entre a imagem da capa de figura 1 com o enredo de *Entrevista com o Vampiro*, a imagem sugere que o vampiro se encontra enclausurado, tentando sair de uma situação ou local, mas sem sucesso. A janela nesse caso, pode significar grades que o prendem em um mundo que ele não está habituado.

O vampiro Louis, personagem central do primeiro livro de Anne Rice, tem como uma das suas principais características, as crises existencialistas. De acordo com Bradley (1996), as crises existencialistas de Louis são oriundas pelas experiências do vampiro com o Catolicismo enquanto mortal. O que implantou conceitos geradores de crises existencialistas como vampiro, o condenou e o privou de liberdade de escolhas.

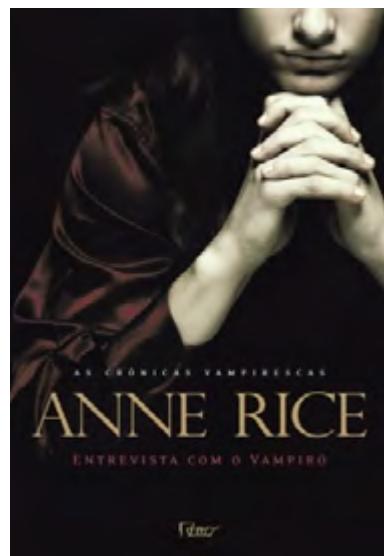


Figura 2: Capa Brasileira de 2010 <sup>3</sup>

Na edição do livro usada atualmente pela Editora Rocco, com a impressão de capa do ano de 2010, mostra a figura de um homem que deduzimos ser o vampiro Louis pelas características físicas e a importância de protagonista na narrativa do primeiro livro. Podemos notar que: o nome da escritora em letras garrafais está mais evidente do que o nome do livro e a série de Crônicas Vampirescas que ele faz parte.

<sup>3</sup> [http://www.goodreads.com/book/photo/45640.Entrevista\\_com\\_o\\_Vampiro](http://www.goodreads.com/book/photo/45640.Entrevista_com_o_Vampiro)

Pressupõe-se que a razão para o destaque do nome da autora em caracteres maiores no livro, seja pelo fato de que no ano de 2010, ela já havia conquistado um público-alvo na cultura brasileira por ter escrito mais de 20 publicações traduzidas no Brasil; e também pela popularidade da sua literatura advinda dos roteiros adaptados para o cinema, como por exemplo: *Entrevista com o Vampiro* (1994) e *Rainha dos Condenados* (2002).

Ao analisamos a ilustração com atenção, nós percebemos que: do mesmo modo que as mãos do vampiro no primeiro livro faziam referências ao vampiro Nosferatu, a versão atual da capa traz as mãos do vampiro Louis fazendo referências à fé. A foto ilustra com clareza o personagem em posição de prece, rogando por alguma salvação divina ou pelo seu comportamento vampiresco em uma alma demasiadamente humana. Em termos narrativos, a contradição de Louis entre os seus valores mortais e imortais e os seus apelos filosóficos sobre a vida e morte constituem grande parte do enredo do livro.

Na orelha desta edição do livro, encontramos um pequeno texto<sup>4</sup> de apresentação e sem autoria; em que alguns elementos do livro, como: a história central, os personagens, a localização e as peculiaridades da obra são expostos de maneira a interagir, caracterizar os personagens e introduzir a história para o possível leitor-alvo desse tipo de literatura. Na contracapa da impressão do livro, nota-se um texto menor<sup>5</sup>, novamente sem autoria e que faz menção à tradução de Clarice Lispector.

### 3. ALGUMAS DAS DIVERSAS CAPAS AMERICANAS DO LIVRO:

Dentre as diversas publicações de *Interview with the Vampire* na cultura-fonte, escolhemos aquelas em que as impressões gráficas são mais significativas e ricas em

---

<sup>4</sup> Quando Anne Rice começou a escrever um romance sobre vampiros, no final dos anos 60, pensava estar apenas utilizando o seu repertório de tradições de Nova Orleans e as histórias de terror vitorianas que lia em menina. Logo ela percebeu que os personagens que estava criando eram fortes, expressivos, e um canal perfeito para a projeção de suas tragédias e angústias.

Entrevista com o Vampiro rapidamente se transformou num dos grandes cults do nosso tempo. Mistura equilibrada de elementos góticos com erotismo, de modos modernos com narrativa romântica, de extrema crueldade com paixões arrebatadas, o livro revela um ritmo febril um mundo de vampiros de permanente dilaceramento interno, empenhados em orgias inconfessáveis de vida e morte. O sucesso foi de tal ordem que inspirou a sequência da história. Em todos pontifica o vampiro Lestat, ousado, sedutor um tanto sórdido, pronto para destruir mito, nem que para isso desencadeie assassinatos em massa. Prosseguem com Lestat em sua saga, Louis, o "entrevistado" desse primeiro livro e Armand, seu amigo. O quarto personagem fundamental de Entrevista com o Vampiro é a uma criação surpreendente de Anne Rice: a vampirazinha Cláudia, mescla de inocência e maldade infantil. Entrevista com o Vampiro não é um livro de terror. É, isto sim, um retrato provocante de uma época de vertiginosa vampirização em todos os meios e sob todas as formas. É também a forma real de que é possível fazer ficção de alta qualidade com qualquer tema, desde que nele se injete o sangue que Anne Rice faz correr nas veias de sua obra de estreia.

<sup>5</sup> Entrevista com o Vampiro, o já clássico livro de Anne Rice, traça o painel de um mundo habitado por seres para quem paixões dilacerantes, mecanismos cruéis de dependência e banhos de sangue são a regra, nunca uma exceção. O romance de Anne Rice encontrou em Clarice Lispector uma tradutora à altura. Intérprete sensível, Clarice é uma razão a mais para se ler essa narrativa vampiresca em que a fantasia está solta, mas a realidade espreita por trás do gótico, do terror e do rasgadamente romântico.

detalhes para a análise paratextual.

Algumas das imagens das capas estabeleceram um determinado tipo de comunicação com a literatura proposta por Anne Rice. Porém, outras capas omitiram partes de extrema relevância no livro por opções mais seguras de ilustração que dialogam com as expectativas previamente padronizadas e relativas ao gênero gótico, ocultando detalhes importantes que fazem parte da trama do livro.

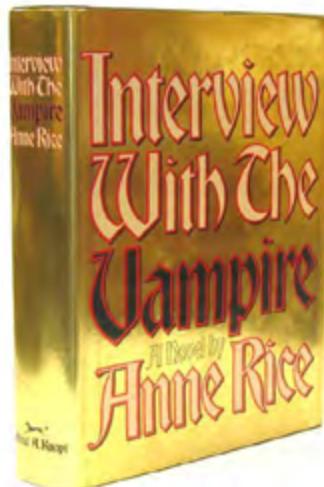


Figura 3: Capa de 1976 <sup>6</sup>

A primeira edição do livro lançada no mercado americano foi publicada pela Editora Alfred A. Knopf em 1976, tinha a capa dura com os nomes da obra e escritora em destaque. As cores vermelho e preto que usualmente são utilizadas para caracterizar o gótico, estão inseridas entre o dourado reluzente.

Na época em que o livro foi lançado, a autora não tinha realizado grandes trabalhos anteriores e apesar de existirem os meios de comunicação de massa como a televisão, o rádio e os jornais, ainda não podíamos contar com a internet e a sua abrangência na inserção de novos escritores e seus conceitos. Supõe-se que a opção por uma capa mais chamativa, seja pelo destaque e um diferencial a mais na atenção do possível leitor de Anne Rice.

Segundo Joshi (2011, p 257), a primeira edição publicada em 1976 vendeu inicialmente 26.000 cópias, o que não fez do livro um bestseller de vendas. A escritora também recebeu críticas negativas a respeito dos temas ligados à sensualidade dos vampiros, a natureza emocionalmente humana do protagonista, a androginia dos personagens e a classificação do livro como horror, para o desgosto dos fãs mais tradicionalistas do gênero.

---

<sup>6</sup> <http://www.manhattanrarebooks-literature.com/images/Rice%20Vampire%201000.jpg>

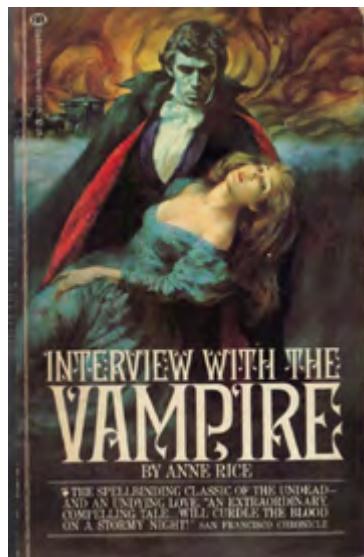


Figura 4: Capa de 1977<sup>7</sup>



Figura 5: Contracapa de 1977

A capa de figura número 4 é uma das primeiras versões em paperback publicadas do romance pela Ballantine Books, no ano de 1977. Tanto a capa quanto a contracapa não correspondem muito bem às concepções vampíricas que Anne Rice insere como diferencial nas histórias de seus vampiros. O nome da autora não está em destaque como nas outras capas que vieram nos anos seguintes, mas o nome do livro aparece em grandes caracteres e as várias opiniões positivas da imprensa escrita, como: a San Francisco Chronicle e a The Washington Post ocuparam suas posições na base do livro; elas recomendavam e aguçavam a atenção do leitor com adjetivos fortes, impactantes e apelativos.

A frase de recomendação do livro pela San Francisco Chronicle menciona um amor eterno “*an undying love*”, o que nos dizeres da capa faz referência ao vampiro estereotipado e viril e a sua vítima ou amante feminina; um amor nos padrões convencionais.

Embora, o amor entre os vampiros de Anne Rice não permeia os princípios estritamente heterossexuais. Já que, na concepção de vampiros da autora, eles são criaturas que não baseiam as suas relações no componente sexual por serem criaturas assexuadas. O que lhes permitem não só o amor entre dois vampiros homens, como também o amor entre a vampira Claudia, que é uma criança e o vampiro Louis.

Em Benefiel (2004), uma família e uma relação incestuosa entre Claudia, Louis e Lestat é construída; o que se agrava com a maturidade da vampira ao longo dos anos, embora ela continue a manter a mesma aparência infantil. A vampira Claudia passa de filha para amante e busca por exclusividade na relação.

Ao analisarmos a contracapa do livro, notamos a presença de dois vampiros abraçados no plano de fundo da figura, e a vampira Claudia à frente. Os vampiros supostamente representam Louis e Lestat e a relação que possa parecer homossexual na

<sup>7</sup> [http://www.goodreads.com/book/photo/887882.Interview\\_with\\_the\\_Vampire](http://www.goodreads.com/book/photo/887882.Interview_with_the_Vampire)

visão dos mortais, contrapõem com a imagem do vampiro da capa, o que nada tem a ver com a narrativa da história.



Figura 6: Filme: O Vampiro da Noite "Horror of Dracula" (1958) <sup>8</sup>

As imagens de Bela Lugosi e Christopher Lee interpretando *Dracula*, de Bram Stoker nas primeiras adaptações para o cinema, foram fontes de inspiração para que as primeiras construções da imagem do vampiro literário das capas dos livros tivessem as mesmas características oriundas das telas cinema. As roupas, o tipo exótico, o estrangeiro, os gestos e as posturas foram copiados e nutrem outras criações relacionadas ao tema. (LE BLANC, 2008. p. 19)



Figura 7: Capa de 1991 <sup>9</sup>

<sup>8</sup> [http://www.imdb.com/media/rm3314457856/tt0051554?ref\\_=tt\\_ov\\_i](http://www.imdb.com/media/rm3314457856/tt0051554?ref_=tt_ov_i)

<sup>9</sup> <http://www.goodreads.com/book/photo/6428035-interview-with-the-vampire>

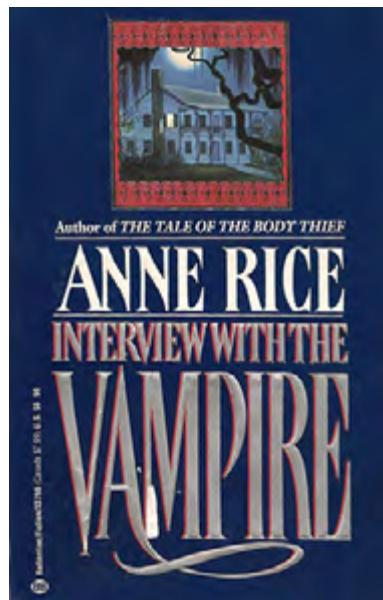


Figura 8: Ano não informado <sup>10</sup>



Figura 9: Capa de 1997 <sup>11</sup>

As versões de bolso ou “paperbacks” de *Entrevista com o Vampiro* surgiram nas mais variadas capas lançadas pela Ballantine Books da versão americana, o que contribuiu para a popularização do livro de Anne Rice pela praticidade na leitura, formato reduzido e custo mais acessível.

<sup>10</sup> <http://www.goodreads.com/book/photo/2924362-interview-with-the-vampire>

<sup>11</sup> [http://www.goodreads.com/book/photo/455218.Interview\\_with\\_the\\_Vampire](http://www.goodreads.com/book/photo/455218.Interview_with_the_Vampire)

Entre as variadas capas encontradas no site Goodreads, selecionamos três delas:

Na capa da figura 7, como podemos ver, os elementos góticos estão presentes na arte de capa, nas fontes acentuando o nome do livro, acima do nome da escritora. A posição nas vendas da autora, segundo o New York Times também tem o seu destaque na capa.

A atenção para a ilustração está para as velas acesas, que conforme Melton (2001, p 551), a iluminação de velas, pedaços de metais e o cheiro de alho constituíam na crença popular, uma atmosfera de proteção contra os vampiros. Além disso, o preto simboliza o estado de luto, a morte e as velas segundo a crença religiosa guiam as almas perdidas para o caminho da luz. Por outro lado, o vermelho têm a sua ligação direta com o vampirismo, devido à significância com o sangue. Em Melton (2011, p 64) vemos que o sangue é a conexão que os humanos tem com a vida: desde o nascimento até a morte, passando pelas convicções históricas de guerras e conquistas da humanidade. Até as inúmeras relações religiosas que possamos fazer sobre as doutrinas e crenças passam pelo sangue; assim, a representação dos vampiros como sugadores de sangue vão além da questão alimentar.

Na capa da figura 8, novamente, o nome da escritora e do livro em destaque aparece ocupando mais da metade da capa. Apesar de não termos referência do ano do livro, é possível vermos em caracteres menores, a menção de que a autora escreveu também o livro *The Tale of the Body Thief* (1992), o quarto livro da sequência das crônicas vampirescas iniciada com *Entrevista com o Vampiro*.

Na parte superior da capa vemos a gravura de um antigo casarão espanhol, típico da Louisiana e do sul dos Estados Unidos. A imagem faz referência à antiga fazenda agrícola de Louis em 1791, quando aos 25 anos tornou-se vampiro pelas mãos do vampiro Lestat.

Para relacionar a fazenda da gravura com a localização sulista americana, a árvore de carvalho “*live oak tree draped with spanish moss*”, muito típica naquela região, pode ser vista em frente ao casarão. O que estabelece com o leitor, uma rápida identificação das referências que ele tem das fazendas sulistas e escravistas americanas.

Na edição de aniversário de 20 anos da publicação de 2007, a ilustração de capa traz em destaque os 7 milhões de cópias vendidas no topo da capa da figura 9. A imagem de ilustração com a foto da vampira Claudia em um porta retrato envolto a uma decoração sombria, na qual foram acrescentados os elementos góticos já conhecidos, como: as velas, o crânio e as flores.

A imagem gráfica corresponde à melancolia que o personagem Louis sente ao se lembrar da sua amante-filha, Claudia. Podemos perceber que pela atmosfera da imagem é subentendida a solidão do vampiro perdido em suas lembranças. O vampiro não aparece na imagem, mas as luvas e um cetro podem ser vistos sobre a mesa ou caixão, isso depende da ótica do leitor ao examinar a figura.

Se relacionarmos a presença de alguns livros embaixo de um crânio sobre a mesa e perto da foto de Claudia, construímos relações com a história do livro pelo fato de Claudia ter sido uma estudiosa compulsiva por artes, cultura e sociedades. Ela sempre procurou por indícios que a levaria ao contato com os outros vampiros, o que a objetivou a percorrer a Europa, na companhia do vampiro Louis, até encontrá-los. Ela tinha a pretensão de que os vampiros encontrados por eles no continente europeu pudessem ensiná-los o que o vampiro Lestat não conseguiu fazer enquanto estava presente em suas vidas; porém as buscas de Claudia pelas origens vampirescas a levaram a um fatídico desfecho, a busca por conhecimentos que a levaram para a destruição.

Portanto, a partir da análise dos elementos paratextuais das capas dos exemplares usados como exemplos nas ilustrações do livro *Entrevista com o Vampiro* nas versões americanas e brasileiras, podemos concluir que as capas das edições do livro *Entrevista com o Vampiro* nas versões traduzidas para o português brasileiro não buscaram uma aproximação com a cultura-alvo através da composição das capas, porém, percebe-se que o texto de orelha da segunda versão da capa brasileira procurou estabelecer um diálogo com o leitor, com uma abordagem mais descontraída ao explicar o tema principal do livro. Percebemos também que a importância de Clarice Lispector como a tradutora do livro foi acentuada no texto de contracapa.

Ao analisarmos as edições americanas, inicialmente buscaram através das capas, a relação paratextual com os vampiros e os elementos góticos presentes na literatura e cinema. Porém, vemos que a edição de 1997, buscou uma identidade própria e embasada nos elementos do próprio enredo do livro. Talvez, isso se deve pelo fato de que após 20 anos do lançamento bem sucedido do livro, com milhões de cópias vendidas, a obra já havia estabelecido a sua identidade literária dentre os outros livros do mesmo gênero.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rodrigo da Costa. **De Textos e de Paratextos**. Palimpsesto nº 10. Ano 9. 2010. Resenhas (1). p. 01-05.
- BENEFIEL, Candace. Blood Relations: The Gothic Perversion of the Nuclear Family in: **Anne Rice's Interview with the Vampire**. Journal of Popular Culture 38. 2. Nov 2004: 261-273.
- BRADLEY, Linda. **Writing Horror and the Body** – The Fiction of Stephen King, Clive Barker, and Anne Rice. Westport, Connecticut and London: Greenwood Press. 1996.
- GENETTE, Gérard & LEWIN, E. Jane. **Paratexts: Thresholds of Interpretation**. Cambridge University Press. 1997.

JOSHI, S.T. **Encyclopedia of the Vampire** – The Living Dead in Myth, Legend and Popular Culture. Santa Barbara, California. Denver, Colorado. Oxford, England: Greenwood. 2011.

Le BLANC, Michelle & ODELL, Colin. **Vampires Films**. Pocket Essencials. Reading: Great Britain By Cox & Wyman. 2008

MELTON, J. Gordon. **The Vampire Book** – *The Encyclopedia of the Undead*. 3<sup>a</sup> ed. Canton, MI: Visible Ink Press. 2011.

RICE, Anne. **Entrevista com o Vampiro**. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco. 1992.

STOKER, Bram. **Drácula**. Tradução de Theobaldo de Souza. Porto Alegre: L&PM. 2011.

Sites da internet

<[www.goodreads.com](http://www.goodreads.com)>

<[www.manhattanrarebooks-literature.com](http://www.manhattanrarebooks-literature.com)>

<[www.imdb.com](http://www.imdb.com)>